

REFRAÇ ÇÕES

Refracções Camonianas
em Artistas do Século XXI

Ut Poesis
Pictura

CAMONI ANAS

REFRACÇÕES CAMONIANAS EM ARTISTAS DO SÉCULO XXI

UT POESIS PICTURA

EXPOSIÇÃO 17 NOVEMBRO 2020 — 28 DE ABRIL 2021
MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO

CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA
CENTRO INTERUNIVERSITÁRIO DE ESTUDOS CAMONIANOS
MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO

CAMÕES DEPOIS DE CAMÕES PEÇAS DE ARTE NA SENDA DE POESIA

Refracções Camonianas em *Artistas do Século XXI – Ut Poesis Pictura* resulta da vontade conjunta do Grupo de Trabalho “Poética e Retórica”, da linha de investigação “Camões-Engenho e Arte(s)” do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos sediado na Universidade de Coimbra, do Museu Nacional de Machado de Castro e da Câmara Municipal de Coimbra, em apresentar uma exposição, entre 17 de Novembro de 2020 e 28 de Abril de 2021, convidando 20 artistas, altamente representativos da actualidade, a revisitar em obras originais¹ a poesia lírica e épica do universo camoniano, seus temas e figuras, seus mitos e episódios.

A estreita relação entre poesia e artes levou-nos a um jogo hermenêutico. Invertendo o célebre tópico *ut pictura poesis* para *ut poesis pictura*, propusemos aos artistas, a criação de formas plásticas como discurso de decodificação do poético, fundamentado numa profunda consciência histórica.

Esta exposição de *poesia silenciosa* afigura-se uma cartografia contemporânea de reflexão crítica sobre o universo camoniano, que ultrapassa o uso da palavra, excede o indizível e translada a poesia para o campo das artes plásticas.

A revisitação do humanismo português encontra nesta exposição um novo espaço interpretativo: uma ampla *refracção* contemporânea, sensorial e táctil, que manifesta o que do tempo e do pensamento quinhentista permaneceu na actualidade.

Nas palavras da Diretora do Museu Nacional de Machado de Castro, Maria de Lurdes Craveiro:

«O resultado deste esforço interpretativo não se traduziu apenas num diálogo entre a contemporaneidade e um passado mais ou menos cristalizado; mostra, de uma forma muito viva, a sua capacidade de interferência no quotidiano e no presente. Mostra, também, a volatilidade de um passado sistematicamente recriado e adaptado e, por esta via, a própria vulnerabilidade da sua natureza em constante interpelação.»²

Os discursos artísticos apresentados amplificam a compreensão de Camões, da sua existência e da sua obra, e ao mesmo tempo convocam os grandes temas e mitos da cultura e da identidade portuguesa, em imagens e formas do presente, reorganizadas em diferentes e inovadoras gramáticas plásticas.

Pintura, escultura, fotografia, desenho, técnicas mistas e outras expressões plásticas foram apresentadas ao longo da exposição com vários níveis oficiais, num conjunto de propostas de mediação entre o mundo renascentista português e a nossa contemporaneidade.

Propondo uma conexão discursiva entre arte e poesia, a peça *Ilha dos Amores*, com que CABRITA contribuiu para a exposição, privilegia o discurso camoniano da mudança, da transformação, mas sobretudo da afirmação do espírito da modernidade renascentista.

A escultura, constituída por numa montagem de muita diversidade e inspirada no canto IX d’*Os Lusíadas*, é um exercício de pensamento em torno da fragmentação, da dispersão compensatória que Camões introduz na sua narrativa épica.

Na proposta simbólica de Graça Morais, a narrativa participa de uma inspiração plástica mais ampla. Partindo da epopeia marítima, a pintura *Lamento da gaiivota à mãe de Vasco da Gama* apresenta uma revisitação do feminino da história portuguesa.

A epopeia marítima continua a *Navegar* a linha do horizonte intemporal na pintura de Fernando Marques de Oliveira, com a elegância discursiva das suas formas geométricas. Trata-se de uma heterotopia narrativa, de estética do espaço, mas também de uma voragem do tempo, onde o passado épico vive no futuro da arte.

O interesse plástico pelo épico prossegue em Pedro Proença, que mergulha as suas peças em vários materiais visuais da época quinhentista, da pintura renascentista italiana às miniaturas maneiristas, e no horizonte marítimo da pintura de Levi Guerra, que expressa “uma semiótica cromática; (...) com grande pertinência para a conexão receptiva à criação literária de Camões” (José Carlos Seabra Pereira).

A reflexão sobre a história de Portugal e a identidade nacional está presente através da pintura de Manuel Casimiro, que percorre largas geografias, numa tradição cultural que participa da matriz judaico-cristã e greco-latina: do mito sebastianista ao conceito trinitário e ao oriente, com profundo equilíbrio pictórico e filosófico.

A translação histórica prossegue na pintura de Sobral Centeno, que por sua vez refigura, com imaginação pensante o episódio da *Chegada da frota a Melinde*. A temática das cruzadas, regressa através códigos simbólicos e cromáticos.

O discurso sobre a identidade em *Éferida que dói, e não se sente – (17.03.1953)*, de Albuquerque Mendes, concentra-se na lírica camoniana e opera uma estratégia de desmultiplicação da identidade nacional, que passa através da representação cénica do seu próprio rosto, da qual resulta uma heteronímia funcional. Um jogo interactivo com a tradição, de extrema modernidade.

Já Arlindo Silva introduz, através do autorretrato, *Ao sair da desfocagem*, uma releitura do soneto «Pensamentos que agora novamente», na interação do olhar e do objeto: «fecho o meu olho traiçoeiro, na tentativa de focar o pensamento. Fico preso na superfície especular (...) apenas uma cegueira branca» (Arlindo Silva).

Com a obra *Ao desconcerto do mundo*, Pedro Pousada ultrapassa as fronteiras do mito, da épica e da lírica, para dialogar pictoricamente com a existência camoniana, com as suas aspirações, contradições e fragilidades. Através do gesto a sua dinâmica cria uma escala de valores éticos de grande actualidade e níveis de intensidades narrativa, assumidos pela cor enquanto discurso, revelando o gosto pela palavra como razão da acção plástica.

Também o trabalho escultórico de Rui Sanches reflete a condição humana na sua finitude, interpretando a modernidade camoniana como discurso da incerteza existencial no fluir do tempo.

No conjunto das peças que constituem a exposição, a pintura de Francisco Laranjo, *Infinito íntimo – a casa de Camões*, alarga o horizonte do mundo camoniano, apresentando um lugar imaginado, um território longínquo do passado. A intensidade da cor que plasma na tela, a vibração cromática e a precisão das linhas-sinais dão lugar às formas, que abrem um espaço interpretativo lírico, de permanência enigmática.

Com Lu Lessa Ventarola regressamos à grande temática amorosa da lírica camoniana. Na sua peça *E não ardia?* - etérea, suspensa, feita de espessuras e leveza de versos e reverso - a artista produz uma interrogação crítica, de grande actualidade, sobre o valor das “palavras” como corpo com um sistema nervoso, capaz de organizar a existência e coordenar a relação entre emoção e razão.

António Olaio surpreende no âmbito da exposição pela matéria plástica apresentada na sua peça *Camões por Camões*, altamente inovadora e tão inédita pelo facto de ser a palavra a gerar as formas plásticas, numa unidade indissociável, «respondendo aos sonetos com outros sonetos». Em verdade a obra de António Olaio procede a reapropriação do espaço plástico através da palavra-gesto que o enuncia.

José Maças de Carvalho apresenta na sua peça um discurso meta-pictórico e meta-crítico, na tentativa bem conseguida, de sugerir plasticamente a natureza peculiar da poesia na sua dimensão táctil e sensorial. A criação fotográfica apresentada trabalha o conceito de melancolia presente em toda a obra de Camões e até nuclear na sua poesia lírica.

Com a sua peça *Universo em fuga*, Zulmiro de Carvalho faz da pintura uma linguagem poética, onde pensar e sentir são processo de uma dialogia que ocorre no interior do desenho e postula a capacidade de expressar a metafísica do sentido, que se traduz na materialidade do suporte plástico.

No tríptico *Estando em terra chego ao céu voando*, com suas volumetrias, a pintura de Pedro Calapez torna-se pura poesia. Essa pintura no acto da sua produção, gera a própria Autopsicografia.

Na presente exposição, escolhemos homenagear três extraordinários criadores, que fizeram os seus percursos entre a modernidade e o século XXI e que nos deixaram há muito pouco tempo.

Refiro-me a Júlio Pomar, Nikias Skapinakis e José Rodrigues. O facto de terem decorrido algumas décadas entre a realização das pinturas deste três Mestres e as outras obras originais apresentadas na exposição torna ainda mais singular a irrupção da modernidade novecentista se reencontrar agora com naturalidade com a produção artística actual.

Júlio Pomar realizou o *Retrato de Camões (col. CCB)* no período de 1988/90, importante marco na iconografia do poeta Luís de Camões, onde aquilo que mais interessa ao criador do retrato, citando as suas palavras, é «o que passa no ar quando alguém se deita, se senta, recomeça a andar»⁵.

Com José Rodrigues, no retrato de Camões de 1997 (Col. do artista), encontramos na realidade, um duplo retrato, ou seja, uma sobreposição surpreendente que faz da tela um encontro entre a face de Camões e o autorretrato do pintor, uma leitura entre passado e presente num jogo irónico de personificação.

Por sua vez Nikias Skapinakis, apropriando-se de um verso do canto III d’*Os Lusíadas*, como ponto de partida da sua obra de 1998, «Onde a terra acaba e o mar começa» (col. CNC), consegue diluir todas as fronteiras, reinterpretando o verso e a sua mitografia, num *diálogo contínuo*, como escreve Helena Skapinakis, para nela testemunhar um *passado omnipresente*, no qual o artista procura, segundo as suas próprias palavras, um «sentido, um fio de Ariadne que evite perder-me no labirinto dos acontecimentos»⁴.

Excepcional conjunto de peças de uma originalidade digna de nota, e iluminadora da obra camoniana, estas *Refracções Camonianas em Artistas do Século XXI – Ut Poesis Pictura*, contribui fortemente para a discussão e aprofundamento de uma problemática importante da arte portuguesa do século XXI, a recepção criativa da figura mais emblemática do Humanismo português.

Esta exposição não teria sido possível sem a generosidade dos artistas, dos colecionadores e das instituições - públicas e privadas - que cederam as suas obras, bem como dos vários autores que acrescentaram, nos textos preliminares, o seu olhar conhecedor na leitura dessas obras.

Gostaria, por fim, de dizer que a exposição constitui uma experiência motivadora, de fecundo diálogo e de cooperação entre três importantes instituições - a Câmara Municipal de Coimbra, o Museu Nacional de Machado de Castro e o Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos da Universidade de Coimbra.

- 1 À exceção de 6 peças que, por razões que adiante explicaremos, integram esta exposição.
- 2 Maria de Lurdes Graveiro, Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, *Refracções Camonianas*, Coimbra, (MNMC) 18 de Abril de 2021.
- 3 Júlio Pomar, *Da Cegueira dos Pintores – Parte Escrita II (1981-1983)*, 2014.
- 4 Helena Skapinakis, *Um diálogo Contínuo* — Texto escrito para o presente catálogo.

* O trabalho de investigação, selecção de materiais, coordenação, curadoria, documentação e apresentação que se traduz neste catálogo, foi realizado por Maria Bochicchio, Investigadora e Coordenadora do Grupo de Trabalho de "Poética e Retórica" do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos — Instituto de Investigação Interdisciplinar, UNIDADE 150, Universidade de Coimbra, ao abrigo do regime previsto no DL 57/2016 para o Estudo da Recepção Crítica e Criativa de Camões na Atualidade.

O conteúdo dos textos e a norma ortográfica usada são da responsabilidade dos autores.

Qualquer parte deste livro não poderá ser reproduzida sem o consentimento escrito dos detentores dos direitos.



CÂMARA MUNICIPAL
COIMBRA



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

PATRIMÓNIO
CULTURAL
Direção-Geral do Património Cultural



MUSEU
NACIONAL
DE MACHADO
DE CASTRO



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



INSTITUTO
DE INVESTIGAÇÃO
INTERDISCIPLINAR
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Centro
Interuniversitário
de Estudos
Camonianos

Financiamento: UIDB/00150/2020

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

LUSITANIA
SEGUROS

ALBUQUERQUE MENDES
ANTÓNIO OLAIO
ARLINDO SILVA
CABRITA
FRANCISCO LARANJO
FERNANDO MARQUES DE OLIVEIRA
GRAÇA MORAIS
JOSÉ MAÇÃS DE CARVALHO
JOSÉ RODRIGUES
JÚLIO POMAR
LEVI GUERRA
LU LESSA VENTAROLA
MANUEL CASIMIRO
NIKIAS SKAPINAKIS
PEDRO CALAPEZ
PEDRO POUSADA
PEDRO PROENÇA
RUI SANCHES
SOBRAL CENTENO
ZULMIRO DE CARVALHO

Em diálogo com Camões